

Resumo

Este estudo trata da preocupação dos profissionais da saúde em especial a enfermagem psiquiátrica com o estresse, devido a própria característica de sua atividade. Através de um estudo bibliográfico procurou-se compreender as relações entre condições de trabalho na enfermagem, ambiente ansiogênico e desgaste físico e mental. Considera-se que é preciso implantar e implementar programas que visem reduzir os riscos profissionais do pessoal de enfermagem que trabalham em psiquiatria.

Descritores: enfermeira psiquiátrica; condições de trabalho; risco profissional; estresse

Abstract

This study deals with the concern shown by health care professionals, especially by those working in the psychiatric nursing area, with the stress they experience due to particular characteristics of their work activity. We tried to learn about the relationship between work conditions in nursing, an anxiety-builder environment, and physical and psychological exhaustion. We found the need to implement programs aimed at reducing professional risks ran by psychiatric nursing staff.

Descriptors: psychiatric nurse, work conditions, professional risk, stress

Title: Worker's health: work conditions of a psychiatric hospital nursing staff

Resumen

Este estudio trata de la preocupación que 105 profesionales de la salud tienen respecto al estrés, especialmente los de enfermería psiquiátrica debido a la característica propia de su actividad. A través de un estudio bibliográfico se ha buscado comprender las relaciones entre condiciones de trabajo en enfermería, ambiente ansiogénico y desgaste físico y mental. Se considera necesario implantar e implementar programas que tengan por objeto reducir los riesgos profesionales del personal de enfermería que trabajan en psiquiatria.

Descriptores: enfermería psiquiátrica, condiciones de trabajo, riesgo profesional, estrés

Título: La salud del trabajador: condiciones de trabajo del personal de enfermería en hospital psiquiátrico

1 Introdução

O interesse pelo tema proposto neste estudo é proveniente da nossa experiência profissional em enfermagem psiquiátrica. Essa experiência somada à trajetória de vida possibilitou-nos a reflexão acerca da saúde dos trabalhadores em enfermagem psiquiátrica que atuam cotidianamente com situações ansiogênicas.

O interesse pela própria saúde, dentro da enfermagem no Brasil não é recente. Provavelmente esta preocupação vem crescendo devido às mudanças das leis trabalhistas ou até mesmo pelas lutas para melhorar as condições de trabalho tanto em hospitais públicos quanto em instituições particulares.

Dentro da enfermagem percebemos uma dificuldade muito grande em unir carga horária rotativa com presença de fatores de risco, mesmo que estes sejam mínimos.

Sabe-se que muitos acidentes podem ser evitados através do conhecimento profundo das causas geradoras de tais transtornos. Entretanto, percebe-se que, dentro da enfermagem, mesmo em nosso cotidiano é comum acontecer acidentes com materiais perfuro-cortantes num ambiente hospitalar psiquiátrico onde não há, praticamente, nenhum procedimento invasivo.

O trabalho em ambiente hospitalar é considerado dinâmico, estimulante e heterogêneo mas abarcando, simultaneamente, atividades insalubres, penosas e difíceis para todos os atores de saúde⁽¹⁾. Neste contexto, os trabalhadores de enfermagem que atuam com doentes mentais na fase aguda da doença parecem estar ainda mais expostos a situações estressantes que podem acarretar agravos à sua própria saúde.

A elevada tensão emocional advinda das relações de subjetividade que se estabelecem entre o pessoal de enfermagem, o paciente, familiares e demais trabalhadores no processo do cuidado direto de pessoas fisicamente doentes ou lesadas, associada às longas jornadas, à baixa

remuneração, ao freqüente emprego duplo, ao desenvolvimento de tarefas desagradáveis e repulsivas têm sido enfatizados em vários estudos⁽²⁾. Alguns pesquisadores têm se dedicado a demonstrar de que forma o trabalho pode estar relacionado ao estresse ou ao sofrimento psíquico, preocupando-se com o desempenho do trabalho que é negativamente afetado pelo emprego com problemas nas inter-relações entre ambiente de trabalho, relações de produção, o lidar prolongado e estreito com portadores de transtornos mentais. Assim, os agentes agressores psicossociais são tão potentes quanto os microorganismos e a insalubridade no desencadeamento de doenças⁽³⁾.

Dejours⁽⁴⁾ enfatiza a centralidade do mesmo na vida dos trabalhadores, analisando os aspectos dessa atividade que podem favorecer a saúde ou a doença. Reforça o papel da organização do trabalho no que se refere aos efeitos negativos ou positivos que aquela possa exercer sobre o funcionamento psíquico e a vida mental do trabalhador.

Dejours *et al.*⁽⁵⁾ descrevem que a relação entre organização do trabalho e o ser humano encontra-se em constante movimento. Do ponto de vista da ergonomia a análise da organização do trabalho deve-se considerar a organização do trabalho prescrita e real, sendo a primeira formalizada pela empresa e a última, o modo operatório dos trabalhadores. Os autores enfatizam que o desequilíbrio entre as duas favorecia o aparecimento do sofrimento mental, uma vez que levaria o trabalhador a necessidade de transgredir para poder executar a tarefa. Descreve em seu estudo que a segunda corrente dedicada à inter-relação saúde mental e trabalho privilegia a relação entre estresse e trabalho.

Quando derivado do ambiente social o estresse é chamado psicossocial e uma das formas de estudá-lo tem sido pelos eventos vitais que são mudanças inesperadas no ambiente social do sujeito, mas a falta de mudança é considerada, igualmente, estressante. Os eventos vitais são

* Enfermeira. Professora Convidada do Departamento de Enfermagem da Universidade Católica de Goiás.

** Enfermeira Professora da Universidade Paulista-UNIP/Goiânia.

E-mail do autor: edilenevianey@hotmail.com

apenas parte do estressores que o indivíduo enfrenta.

Qualquer mudança da vida do indivíduo gera um certo de nível de estresse e à medida que o estresse aumenta o desempenho melhora, sendo portanto, chamado "eustress". Por outro lado, aumentos excessivos podem ameaçar a capacidade de desempenho da pessoa que é o "distress". Os profissionais de enfermagem se submetem no seu cotidiano de cuidados a uma série de tensões fortes, persistentes e inesperadas o que além de gerar constantes falhas no processo de produção, reduz a motivação no desempenho de suas tarefas e nas relações interpessoais.

Para ampliar o conhecimento sobre a relação das condições de trabalho e o desgaste psíquico do trabalhador de enfermagem que lida cotidianamente com pacientes em fase aguda do transtorno mental, propõe-se o presente artigo, sustentado em revisão bibliográfica sobre o tema. Neste artigo parte-se da preocupação de que relações de trabalho com pacientes agudos parecem levar os profissionais de enfermagem a desgaste psíquico, emocional e profissional que transparece em agressividade, queixa de insônia e depressão. Seria oportuno refletir por exemplo se o contexto profissional é considerado pelos profissionais de enfermagem como favorecedor de desgaste psíquico. Para tanto foi estabelecido o seguinte objetivo: Discutir o trabalho do pessoal de enfermagem como fator desencadeante de estresse e conseqüentemente de doenças psicossomáticas.

2 A saúde do trabalhador e as condições de trabalho do pessoal de enfermagem em hospital psiquiátrico

Os estressores podem ser encontrados no local de trabalho, ou estarem ligados a assuntos pessoais ou do meio ambiente. No primeiro caso considera-se como exemplo a pressão sobre o trabalhador quanto ao tempo de execução de tarefas, os aspectos físicos negativos do local de trabalho e os conflitos inter-intrapessoais.

O ambiente laboral pode ser entendido como um conjunto de condições de vida dos trabalhadores no local de trabalho, englobando tanto as características do próprio lugar quanto os elementos relacionados a atividades em si (tipo, posição, ritmo do trabalho, ocupação do tempo, horário, alienação, não valorização do patrimônio intelectual e profissional), e ao longo da história tem sido causa de mortes, doenças e incapacidade para uma considerável parcela de trabalhadores⁽⁶⁾.

Os agentes da enfermagem psiquiátrica não são articulados no que se refere ao exercício da organização e prática política desta categoria⁽²⁾. Há um baixo nível de participação em greves, em outros movimentos reivindicatórios e no sindicato, o que demonstra a alienação dos trabalhadores desta especialidade, pois não conseguem identificar esses mecanismos como instrumentos adequados e necessários para defesa dos seus interesses de classe.

O projeto de Lei do Senador Lúcio Alcântara nO 161/99 dispõe sobre a jornada de trabalho dos enfermeiros, técnicos e auxiliares propondo a redução pra 30 horas semanais. Poucos são os trabalhadores em enfermagem psiquiátrica que acompanham os projetos de leis em interesse da categoria. A aprovação deste projeto é de vital importância para os atores envolvidos, uma vez que estes, devido à baixa remuneração, recorrem a freqüentes empregos duplos, com jornada de 44 horas semanais, privando-os do seu lazer e do convívio social.

A Convenção Coletiva do Sindicato dos trabalhadores de enfermagem do Estado de Goiás ocorrida em setembro de 2001, na sua cláusula 3ª assegura aos enfermeiros um acréscimo de 5% do salário base para aqueles que exercem função em psiquiatria. Esta conquista não é extensiva aos técnicos e auxiliares de enfermagem.

A relação entre trabalho e adoecer é complexa, pois é um processo específico para cada trabalhador envolvendo sua

história de vida e de trabalho, para que haja uma interligação consistente é necessária a descrição detalhada das atividades desenvolvidas, do ambiente, à organização e à percepção da influência do trabalho no seu adoecer.

No cotidiano do cuidado, a enfermagem percebe que o ambiente ansiogênico, as atitudes insalubres e penosas são situações agressivas ao psiquismo. Isso gera problemas tanto no próprio indivíduo, nas relações interpessoais, como no desempenho do seu trabalho.

Em estudo a respeito da percepção dos trabalhadores da enfermagem psiquiátrica sobre estresse, verificou-se que os mesmos conhecem os fatores desencadeantes do estresse negativo, porém eles não associam estes fatores com enfermidades, problemas de saúde, de alterações psicofisiológicas que indicam estresse⁽⁷⁾. Quando se observam conseqüências no comprometimento do estudo da vida social, com dificuldades de resolver as próprias necessidades vem a tristeza, a saudade, a sensação de vazio emocional, a presença de várias alterações psicofisiológicas e a presença de enfermidades crônicas e sérias tais como: artrose, hipertensão e cardiopatia, além de úlcera e bronquite. Dados que indicam a possibilidade de ocorrência do *Burnout*, porque a maioria informou sentimentos de insuficiência, vazio emocional e indiferença para as atividades que faz.

Com base nos resultados o autor, percebe que é preciso criar um programa de prevenção e redução de estresse tais como: despertar sentimentos de grupo, gostar do que faz, opção por atuar na área que escolher, melhorar as condições de trabalho, sendo que essas melhorias se estendam à vida pessoal.

Outro estudo⁽²⁾ mostra que entre pessoal de enfermagem (técnicos, auxiliares e atendentes) e pacientes existe uma grande proximidade. E isso se dá não só pelo tipo de trabalho que é executado, mas porque suas condições de existência são semelhantes. O que faz com eles tenham adoecer e a doença mental aparece - lhes como algo muito próximo, eles não percebem muita diferença entre a realidade deles e a dos pacientes. A única clareza que têm é que ainda podem ajudá-los o que lhes garante a permanência no mundo dos sadios.

A maioria do pessoal de enfermagem psiquiátrica ingressa no mercado de trabalho específico, apenas com o incipiente conhecimento adquirido nas escolas, sem o devido preparo e um treinamento formal que essa especialidade requer, além disso a única motivação se dá é pelo medo do desemprego. Assim, ele se submete a papeis indefinidos, a condições degradantes e as longas jornadas de trabalho, essas, são conseqüências da baixa remuneração o que para compensar recorre ao freqüente emprego duplo, sendo portanto privado do seu lazer, do convívio social saudável tão necessário à saúde mental.

Portanto esses profissionais vivem atualmente sob contínua tensão, não só no trabalho mas na sua própria vida em geral, associado às condições de trabalho, os trabalhadores enfrentam a competitividade de mercado de trabalho, e as necessidades de aprendizado constante, principalmente por parte dos enfermeiros.

Contudo, esses são fatores predisponentes à aquisição de transtornos relacionados ao estresse, como depressão, insônia, enxaqueca ou seja, doenças psicossomáticas. Assim, o estresse pode ser entendido como um desequilíbrio da pessoa, quando esta é submetida a uma série de tensões fortes e persistentes⁽³⁾.

Pesquisas atuais mostram que esse tipo de estresse se refere a uma síndrome definida por alguns autores como uma das conseqüências da tensão profissional, e se caracteriza por exaustão profissional, sentimento de desqualificação, depressão, cinismo, conflito entre trabalho e família; trata-se da Síndrome de *Burnout*.

A Síndrome é descrita como um tipo de estresse

ocupacional e institucional, e os profissionais (médicos, enfermeiros, professores) que mantêm uma relação constante e direta com pessoas, estão mais vulneráveis na aquisição dessa Síndrome, principalmente quando esta atividade é considerada de ajuda⁽³⁾.

Ainda o aparecimento dessa Síndrome foi observado naqueles profissionais cuja interação se deu de forma ativa com pessoas que necessitam de cuidados e ou de solução de seus problemas, bem como a rígida execução de técnicas e métodos⁽³⁾.

O desenvolvimento de tarefas superpostas e repetitivas, somado as solicitações contínuas e inesperadas impõem um ritmo cansativo de trabalho levando a um esgotamento físico e mental. Esse fato é claramente percebido entre profissionais de enfermagem, que muitas vezes nem sabem identificar seus problemas, queixam de dores nas costas, dores na coluna, falta de ânimo ou prazer em ir trabalhar, surgem os conflitos no ambiente laboral e familiar aumentando o absenteísmo, e a rotatividade no emprego. Parece contraditório que pessoas que lidam cotidianamente com outras enfermas, estão na maioria das vezes, fragilizadas e vulneráveis à aquisição de doenças.

Confirma-se essa idéia quando diz que se de um lado o hospital tem como missão salvar vidas e recuperar a saúde dos indivíduos enfermos, por outro, favorece o adoecer das pessoas que nele trabalham⁽¹⁾. E dificilmente têm a preocupação de promover e manter a saúde de seus funcionários. Tal contradição é verificada em outras profissões, porém a enfermagem parece ser a mais afetada neste aspecto onde trabalhar para cuidar/tratar/curar/ versus trabalhar para sobreviver afeta de forma profunda a identidade do trabalhador de enfermagem. Portanto identificamos uma profissão repleta de contradições, relevante, porém ainda não é capaz de gerar reconhecimento social; um fazer eficiente mas incoerente; um fazer necessário, mas desvalorizado e fragmentado; um saber importante mas insignificante.

O pessoal de enfermagem representa a maior e mais complexa força de trabalho de uma instituição hospitalar, tanto pelo seu contingente numérico como pela heterogeneidade de sua composição, estando presente 24 horas com os pacientes, estando mais vulneráveis a erros e cobranças e, portanto, ao estresse, tudo isso somado a um ambiente

ansiosamente *elevam* o índice de rotatividade de pessoal.

3 Considerações finais

Reduzir as falhas, minimizar o estresse e transformar o local de trabalho num ambiente salubre é tarefa para todas as profissões. Entretanto, torna-se necessário a união de esforços, especialmente do pessoal de enfermagem em construção de um novo desenho da categoria, almejando o incremento nas escolas, a *valorização* do estatuto profissional, a participação *ativa* nos sindicatos, a fim de se obter o reconhecimento social, e a *motivação* dos trabalhadores tornando-os capazes de buscar soluções para seus problemas e de sua comunidade, sujeitos atuantes e participantes das decisões políticas do seu País e não objetos de manipulação.

Referências

1. Lima Júnior JHHV. Transições, prazer e dor no trabalho de enfermagem. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 2001 mês;41 (3):20-30.
2. Fraga MN. A prática de enfermagem psiquiátrica: subordinação e resistência. São Paulo: Cortez; 1993. 158 p.
3. Ballone GJ. Estresse. In: PsipWeb psiquiatria geral. Cidade: responsável; 2002. Disponível em URL: <http://www.psqweb.med.br/cursos/stress4.html>. Acessado em: 11 jan 2003.
4. Dejours C. Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo 1986;14:7-11.
5. Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C, Betiol MIS. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas; 1994. 145 p.
6. Oddone I, organizador. Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde. São Paulo: HUCITEC; 1986. 133 p. il.
7. Nunes MBG. Stress como un riesgo profesional en enfermeria psiquiátrica. Ciudad: responsable; ano. Disponível em: URL: <<http://www.prevencionintegral.com/Articulos/Secun.asp.htm>> Acessado em: 3 mar 2003.

Data de recebimento: 22/05/2003

Data de aprovação: 22/12/2003